

OFÉLIA E PESSOA: DOIS FINGIDORES

Telma Maciel da SILVA*

Esse amor aflige toda a gente, e só tu ficas alheio
sem me escreveres, senão cartas frias, cheias de
coisas ditas e reditas, metade do papel em Branco e
dando a entender grosseiramente que estás morto
por acabá-las.

(Mariana do Alcoforado, 1994, p.48)

■ **RESUMO:** O objetivo do presente trabalho é analisar a correspondência trocada entre Ofélia Queiroz e Fernando Pessoa. Como se sabe, estas são terras já bastante pisadas pela crítica, que, em geral, aponta uma relação dessemelhante entre o poeta experiente, já grande nome do Modernismo Português, e a jovem romântica, sonhadora e ansiosa por se casar. Nesse sentido, a imagem de Ofélia ficaria cristalizada na ideia de moça pueril, afeita aos diminutivos, tão ridículos quanto os apelidos amorosos criados para apimentar a relação epistolar. Eduardo Lourenço (2013), por exemplo, vê na correspondência travada pela “jovem burguesinha” e pelo “êmulos de Lautréamont” um diálogo entre o poeta “com outro ser que o amou sem literatura”. Leila Perrone Moisés (2000, p. 177), em outro artigo valioso sobre este diálogo epistolar, afirma: “Ofélia morreu solteira em 1991 [...]. Manteve-se sempre fiel, não apenas ao namorado, mas às exigências deste em matéria de discrição”. Tomando como ponto de partida os textos destes dois grandes críticos, buscaremos fazer uma leitura das cartas de Ofélia levando em consideração a sua disposição para o jogo amoroso e literário, o que, segundo a nossa perspectiva, a torna tão protagonista quanto o escritor de *Ode marítima*.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Ofélia Queiroz; Fernando Pessoa; Correspondência

Itinerário da correspondência amorosa

Este trabalho não pretende tratar do alegado amor que Ofélia Queiroz sentia por Fernando Pessoa. Este trabalho não pretende, tampouco, tratar a alardeada

* UEL – Universidade Estadual de Londrina – Centro de Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Vernáculas – Londrina – PR – Brasil – telmaciel@uel.br

falta de amor de Fernando Pessoa para com Ofélia Queiroz. Obviamente que não seria possível adivinhar nenhuma coisa nem outra, ainda que muitas especulações tenham surgido a esse respeito a partir das cartas que ambos trocaram nas duas fases de seu, ao mesmo tempo curto e longuíssimo, relacionamento.

O conjunto da correspondência Pessoa & Ofélia foi ganhando cada vez mais atenção, a partir da primeira edição das *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, publicada em 1978, pelas Edições Ática, com organização de David Mourão-Ferreira e estabelecimento de texto de Maria da Graça Queiroz. Conforme o organizador, uma pequena fração dessas cartas havia sido comercializada pelo poeta Carlos Queiroz – que como sabemos era sobrinho de Ofélia – ainda em meados dos anos 30, a fim de arrecadar fundos para a publicação póstuma da obra do poeta que havia morrido há cerca de um ano. Os excertos levados a público no pequeno volume de cerca de cinquenta páginas, contudo, tinham se tornado material “completamente inencontrável” (Mourão-Ferreira, sd., p. 07), segundo palavras do crítico. Nesse sentido, a edição de 1978 transformara-se rapidamente em um acontecimento literário dos mais importantes, pois que trazia certamente um lado inédito e curioso do grande poeta.

Em 1986, o ensaísta e escritor Walmir Ayala publicaria no Brasil, pela editora Nova Fronteira, obra bastante similar, sob o título *Cartas de amor*. Somente em 1996, a coletânea *Cartas de amor de Ofélia Queiroz a Fernando Pessoa* viria a lume pela Assírio & Alvim, com organização de Manuela Nogueira e Maria da Conceição Azevedo. Pela primeira vez, o grande público poderia ler, então, as duas partes da correspondência já um pouco mítica, mas que até ali havia privilegiado apenas a voz do escritor. Ofélia pairava, dessa forma, como uma voz fantasma, a interlocutora esmaecida, apagada em sua pouca significância. Mas quem poderia almejar alguma significância diante de Fernando Pessoa?

Somente em 2012, teríamos a possibilidade de observar os amantes que foram separados pela vida, finalmente, unidos numa edição em que as cartas de ambos podiam ser lidas de forma linear e encadeada. Quase cem anos após serem escritas, estas cartas estavam frente a frente, no grande acerto de contas a que estão fadadas todas as histórias de amor, aquelas mesmo ridículas, porque afinal não se pode falar da correspondência amorosa de Fernando Pessoa, sem passar pelo poema do mais desabusado dos heterônimos, aquele, aliás, a quem Ofélia dizia detestar. A edição de 2012 a que me refiro, *Cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz*, foi editada por Manuela Parreira da Silva, que afirma no texto de apresentação: “Uma edição conjunta é [...] a forma mais adequada para dar a ler uma correspondência, que pressupõe sempre um diálogo, uma interação, a existência concreta de dois interlocutores” (Silva, 2012, p. 07).

No ano seguinte, uma nova coletânea, intitulada *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz: Correspondência amorosa completa – 1919-1935*, vem a público com organização de Richard Zenith, pela Editora Capivara. A edição bastante luxuosa

traz, além dos textos das cartas dos namorados, uma série de paratextos, entre os quais destaca-se o já conhecido relato de Ofélia, “O Fernando e eu”¹, e um prefácio de Eduardo Loureço. Além disso, os documentos autógrafos do poeta aparecem em *fac-símile* ao final, dando ao leitor a possibilidade de sentir-se ainda mais intruso, devassando a vida do casal, ao folhear as “cartas originais”, com as letras do missivista, buscando a intimidade que a fria caligrafia comercial não tinha permitido até àquele momento.

Ofélia apenas pretexto?

Em 1978, quando a primeira coletânea das *Cartas de amor de Fernando Pessoa* foi publicada, Ofélia Queiroz tinha já 78 anos. No texto “O Fernando e eu”, ela dá detalhes de como se deu o seu primeiro encontro com o poeta – figura que lhe pareceu um pouco risível num primeiro olhar – e de como foi o relacionamento, que conforme sabemos foi fracionado em duas fases principais: 1919-1920 e 1929-1930. Ofélia narra o encontro inicial, o primeiro beijo, a cena de Hamlet, os ciúmes do namorado, as esquisitices, as interferências de Álvaro de Campos, as idas e vindas de uma relação fadada ao fracasso, visto que ambos tinham expectativas diversas para as suas vidas. Mas Ofélia afiança que se amavam, que se adoravam mutuamente.

Como afirmei no início desse texto, não trataremos aqui do amor, nem tampouco do desamor, mas tal tema sempre se impõe no que diz respeito a essa troca epistolar, pois perpassou, em muitos momentos, diversas – e digo diversas no sentido de quantidade e no sentido de variedade – análises que foram feitas tendo como base o corpus em questão. No texto de abertura de *Cartas de amor*, aquele volume organizado pelo ensaísta e escritor brasileiro Walmir Ayala, o vemos afirmar: “Fernando Pessoa é um criador obsessivo, nestas cartas há de ter tido uma intenção literária, e a pessoa de Ophélia teria sido um pretexto para determinada colocação de suas sensações e autoanálises” (Ayala, 1986, n.p.). Na visão do crítico, Ofélia era apenas “um pretexto” para a prática literária do poeta-fingidor, se me permitem aqui um trocadilho. Mais adiante, lemos ainda: “Coloco-me aqui como um simples leitor e não consigo encontrar o propalado amor nestas cartas de amor” (Ayala, 1986, n.p.).

No início desse tópico, chamei a atenção para a idade de Ofélia Queiroz no ano da primeira publicação das cartas de Pessoa destinadas a ela, porque me parece curioso que, àquela altura, já na terceira idade, ela continuasse sendo vista como a jovem iludida que se encantou com o poeta que nada podia lhe oferecer, a não ser a sua genialidade e alguma nesga de atenção. Ora, o depoimento ao qual já nos referimos – “O Fernando e eu” – é parte importante da base paratextual da

¹ Este texto aparece pela primeira vez na coletânea organizada por David Mourão-Ferreira.

edição de David Mourão Ferreira. Nele, a Ofélia que fala não é mais a jovem que sonhava em se casar, mas uma mulher que tinha vivido uma vida longa e cheia de acontecimentos, entre os quais o amor pelo já célebre escritor.

É visível na troca epistolar que a Ofélia dos anos vinte/trinta queria mais do que o namorado oferecia, ou dito de outro modo, queria diferente, queria uma vida a dois, afinal era esse o destino a que as jovens da sua idade estavam fadadas. A única possibilidade de ter uma vida afetiva – e eu me atrevo a dizer, vida sexual ativa – era se cansando. Ofélia, portanto, queria casar-se. Há episódios curiosos nesse sentido, como o da carta de 19 de março de 1920, poucos meses após o início do enlace amoroso, em que assina o sobrenome do recém-namorado: “Adeus amate muito e é só tua e sempre/ Ofélia Queiroz (Pessoa)/ (quando será?)/ (tomara já)” (Queiroz, 2012, p.44). Ou ainda em carta de 23 de março de 1920, em que ela se despede com “Adeus meu filhinho pensa muito muito, muito na tua, muito tua/ Ofélia ‘Pessoa’ (quem me dera)” (Queiroz, 2012, p.56).

Ayala não possuía, em 1986, quando publica a sua coletânea das cartas, a contraface que hoje temos², mas àquela altura ele conhecia – e faz referência a ele – o depoimento de Ofélia em que esta dá a sua versão para o romance e suas peripécias. Contudo, se o relato da interessada não bastava para o convencimento do amor mútuo, haveria então os próprios (ainda que poucos) arroubos apaixonados do poeta, mas estes são tomados, se não como fingimento, apenas como prática literária de alguém que não conseguia viver para além da literatura. O que em parte, sabemos, é verdade.

Ainda no plano das edições e seus elementos paratextuais, destaca-se o prefácio de Eduardo Lourenço para a edição da correspondência Pessoa & Ofélia, organizada por Richard Zenith, em que o autor de *Fernando Pessoa revisitado*, retoricamente, questiona:

Alguém imagina possível um diálogo, um encontro viável, entre um émulo de Lautréamont e uma burguesinha, no limiar de uma época emancipadora, mas para quem só o casamento canônico era sinônimo de sucesso e felicidade? Da sua “cultura”, no sentido habitual, não há nas suas cartas de amorosa transida e cedo decepcionada senão os traços de classe dessa época e pouco mais. Já nesse plano é difícil imaginar dessimetria mais funda. Um pouco mais velho, o primeiro reflexo de Pessoa é “infantilizar” o objeto de seu ‘juvenil’ entusiasmo (Lourenço, 2013, p. 11).

Ofélia, que antes fora rebaixada como pretexto, agora aparece ainda menor: uma burguesinha para quem o casamento era sinônimo de felicidade. Visto desse

² Refiro-me ao fato de que em 1986 ainda não tinha sido publicada a coletânea com as cartas de Ofélia Queiroz.

modo, é esperado que se estabeleça tamanha distância entre o casal: um, “émulo de Lautréamont”, outro, representação do mundo pequeno-burguês. Realmente, não haveria dessimetria mais funda. O crítico afirma, ainda, não ser possível observar, nas cartas de Ofélia, quase nenhum elemento de interesse no que concerne à sua base cultural. Ao esvaziar-se objeto da paixão, fica difícil encontrar o motivo que a alimenta. Surge então, a metáfora, a jovem chama a atenção do poeta por uma quase fatalidade, a coincidência de seu nome com a personagem trágica de Shakespeare. Ofélia torna-se uma “jovem burguesa de Lisboa dos anos 20 que talvez nunca tenha imaginado que chamou a atenção de Pessoa por ter aquele nome mítico como destino” (Lourenço, 2013, p. 11).

O “drama em gente”, engendrado pelo escritor de *Ode marítima*, arrasta Ofélia Queiroz. Ela é acusada, senão por Pessoa, mas por parte da sua crítica, de ser uma mulher comum, uma mulher do seu tempo: “Se Ofélia tivesse lido o menor dos poemas do seu efêmero e improvável ‘namorado’ [...] não teria embarcado nessa travessia do coração para um porto que nunca existiu para o companheiro-fantasma dessa viagem sem viajante dentro”. (LOURENÇO, 2013, p.13) No afã de elevar o poeta – a quem obviamente não se discute a genialidade, se que é que esta não é uma palavra já em desuso – rebaixa-se a interlocutora, ignorando-se que não há diálogo possível sem interlocução. Nesse sentido, no já aludido texto de apresentação da coletânea que organizou, Manuela Parreira da Silva afirma: “É como se o poeta tivesse escrito para si próprio ou para uma interlocutora fictícia, e não para uma pessoa de carne e osso, interveniente activa no processo, quando não mesmo catalisadora da própria relação”. (Silva, 2012, p. 07)

Em artigo intitulado “Amor & Literatura”, Rita Basílio (2015) abre um diálogo com o texto de Eduardo Lourenço e faz uma questão que me parece central nessa discussão: “Como hierarquizar o que o amor ama?” (2015, p. 09). A leitura da jovem namorada como títere de um jogo criado e dirigido pelo escritor, com a participação de Álvaro de Campos, que seria “a encarnação mesma da ‘paixão do fracasso’” (LOURENÇO, 2013 p. 12), é alguma coisa já um tanto cristalizada em parte da crítica que se ocupou dessa correspondência.

Em 2017, o historiador José Barreto publicou o artigo “A última paixão de Fernando Pessoa”, em que apresenta algumas cartas inéditas do escritor como “prova” de que este teria morrido apaixonado por uma escocesa chamada Madge Anderson, a irmã de sua cunhada. Esta novidade chamaria a atenção da imprensa em Portugal e no Brasil. A 20 de dezembro daquele ano, Rita Cipriano publica, n’*Observador* um longo texto em que fala das descobertas de Barreto. O título é o seguinte: “A última paixão de Fernando Pessoa não foi Ofélia, foi uma inglesa loira”. No dia seguinte, o jornal *Folha de São Paulo*, traz matéria assinada por Maurício Meireles: “Cartas inéditas revelam possível ‘amor secreto’ do poeta Fernando Pessoa”. O colunista brasileiro, além de dar informações sobre a nova descoberta, em dado momento, insere o seguinte trecho entre aspas, cuja autoria

atribui a Barreto: “Ofélia era uma mulher simplória, tradicional, muito jovem, pouco culta. Madge era uma mulher muito mais inteligente, mais adequada ao perfil do Pessoa, capaz de uma relação afetiva adulta, não uma coisa assim infantilóide como a Ofélia”. Como o texto carece de rigor jornalístico, não é possível saber de onde foi tirada a afirmação atribuída ao historiador, pois não somos informados se houve uma entrevista, se o trecho teria sido recortado de alguma publicação. Por este motivo sobre a afirmação fica a suspeita de que seja apócrifa.

Contudo, seja o trecho de autoria ou não de José Barreto, o que importa aqui é que ele, em alguma medida, glosa o imaginário que paira sobre a jovem Ofélia, tanto que para afirmar a pretensa inteligência de Madge Anderson, opera-se um novo rebaixamento da antiga namorada de Fernando Pessoa, agora com afirmações mais categóricas e um tanto vulgares. A culpa da “infantilização” dos amantes paira, agora, toda sobre Ofélia, como se ela própria tivesse escrito as cartas que recebeu do poeta. Em nenhum momento se cogita a hipótese de que com Madge o poeta tenha assumido uma persona diferente, o que aliás, como comprovam os mais recentes estudos sobre correspondência de escritores, é comum a todo epistológrafo.

Outro exemplo curioso desse tipo de mistificação é possível observar no ensaio “Sinceridade e ficção nas cartas de amor de Fernando Pessoa”, publicado no ano 2000, pela professora e crítica literária, Leyla Perrone-Moisés. Aqui, diferentemente do que vemos no texto de Eduardo Lourenço ou na afirmação atribuída a José Barreto, não é a negação do amor que mistifica a relação, mas a sua afirmação um tanto sumária e descuidada de determinados elementos biográficos: “Ofélia foi, ao que se sabe, o único amor de Pessoa; Pessoa o único amor de Ofélia” (Perrone-Moisés, 2000, p. 175). E mais adiante: “Ofélia morreu solteira em 1991 [...]. Manteve-se sempre fiel, não apenas ao namorado, mas às exigências deste em matéria de discrição”. (Perrone-Moisés, 2000, 177)

O amor eterno entre dois sujeitos que não lograram ficar juntos; ambos optam pelo abandono de qualquer experiência amorosa, mantendo-se castos pelo resto da vida. Eis um clichê romanesco já bastante explorado pela literatura e pelos *mass media*. O resultado, diga-se de passagem, nem sempre é de bom-gosto. Tal clichê parece, entretanto, perfeito para os nossos amantes aqui em causa, afinal, a seu favor e, como testemunha inequívoca, podemos dispor de suas cartas de amor. Fosse verdade, teríamos um enredo com o sabor de *Amor de perdição*, apenas um pouco menos trágico, talvez. Contudo, um simples fato traz os nossos amantes eternos para o chão da realidade terrena: conquanto Ofélia tenha aparentemente preservado as suas afeições para com Pessoa, ainda assim, ela se casou pouco tempo depois que o poeta morreu.

Mas o fato de uma crítica da importância de Leyla Perrone-Moisés incorrer em tal enredo para tratar da correspondência Pessoa & Ofélia denota não apenas um erro biográfico, coisa que qualquer crítico, mesmo os maiores, está sujeito. O que importa aqui é notar que esta correspondência parece sempre arrastar os amantes

para o rio da ficção, roubando a eles as características humanas, ou talvez melhor dizendo, buscando em suas características mais humanas motivos mesmo para a ficção.

Não à toa, o título do artigo da investigadora brasileira é “Sinceridade e ficção nas cartas de amor de Fernando Pessoa”, estabelecendo uma dualidade que, como sabemos, não é nova no que diz respeito a este conjunto. José Augusto Seabra, em 1988, discute essa questão no famoso e interessante texto “Amor e fingimento (sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa)”, em que afirma: “A vulgaridade do ‘sentimentalismo’ pessoano, eis o que choca, para muitos, nas ‘cartas de amor’. E se essa vulgaridade fosse, precisamente, fingida, enquanto significante da paixão?” (Seabra, 1988, p.64). O crítico busca estabelecer um caminho que me parece um dos mais profícuos, pois opta por pensar os textos em sua relação intertextual com a heteronímia. Além disso, ele propõe que a paixão seja vista a partir da ideia de que ela necessita de um significante próprio para a sua expressão. Dessa forma, a vulgaridade tão alardeada dessas risíveis cartas de amor ganham um debate interessante: ela nada mais é que um jogo, em que não está em questão se é paixão sentida ou fingida, visto que essa dicotomia é um erro de partida, ainda mais quando estamos tratando de Fernando Pessoa.

Nesse sentido, Rita Basílio, no artigo de que falamos acima, formula uma nova questão:

poderá *o amor* de Eduardo Lourenço pela Obra pessoana tê-lo tornado incapaz de conceber que o Poeta de «Eros e Psique» possa *realmente* ter sido acometido pela inexplicável intensidade de uma afeição amorosa *autêntica*? Noutros termos, a admiração de Eduardo Lourenço pela altura desmedida (e desmedidamente literária) da escrita pessoana tê-lo-á impedido de pôr a hipótese de que aquele que se fez capaz de dar forma legível à «objectividade radical» *quase inconcebível* do seu próprio mestre não tivesse querido dar outra forma — que não a que lhe deu — «ao único sentimento onde num segundo se joga o destino de uma vida» (*ibid.*)? (Basílio, 2015, p. 109).

A partir dessa perspectiva, podemos pensar que o mesmo amor que, segundo Eduardo Lourenço, impedia que Ofélia visse o óbvio, também impõe um olhar apaixonado a certos juízos críticos. As questões propostas por Basílio deslocam significativamente o nosso olhar, pois permitem que vejamos que também nós operamos a partir da paixão que as cartas mobilizam em nós, afinal somos os interlocutores dessa correspondência há algumas décadas. E as novas edições são como postas-restaurantes, por meio das quais, de vez em quando, somos surpreendidos com novos documentos que mantêm a paixão (a deles e a nossa) viva e sempre em movimento.

O destino de Ofélia

Considera, meu amor, a que ponto chegou
a tua imprevidência. Desgraçado!,
foste enganado e enganaste-me com falsas esperanças.

(Mariana do Alcoforado)

As noções de engano e fingimento comparecem já nas primeiras frases do célebre volume *As cartas portuguesas*, da freira Mariana do Alcoforado. Elas dão conta do desespero e da ira experimentados pela jovem enclausurada, que se apaixonara pelo Marquês de Chamilly e que oscila entre o amor e o desamor, diante do abandono que vai ficando cada vez mais nítido ao longo das 5 cartas. O estilo muda, às vezes, numa mesma missiva: ora lamentoso, ora em busca de uma dignidade perdida no engano sofrido.

Obviamente que a comparação entre Mariana e Ofélia é desmedida em muitos aspectos, mas me parece curioso e, porque não dizer, sintomático, o modo como a autoria é negada às duas autoras, fazendo com que ambas acabem tornando-se personagens de uma mente masculina. No caso de Mariana, a beleza do texto levará dúvida sobre a a sua autoria. É de Rousseau, em carta a D’Alembert, as seguintes afirmações: “As mulheres não sabem nem descrever nem sentir o verdadeiro amor [...]. Apostaria quanto há no mundo em como *as cartas portuguesas* foram escritas por um homem” (Rousseau *apud* Prado, 2010, p. 12).

No caso de Ofélia essa autoria é negada por meio de um processo mais sutil, na medida em que seu nome não é apagado, mas aparece, do mesmo modo, rasurado pela construção de um ideário em que as mulheres são incapazes de pensar e sentir como os homens. Muito se fala que esta correspondência é, para Fernando Pessoa, um jogo, em que ele estabelece uma “poética do fingimento”, que segundo José Augusto Seabra, “é para o amoroso, uma faca de dois gumes”, pois “quanto mais perfeito ele [o fingimento] for, mais o amor corre o risco de ser simultaneamente falso e sincero, sincero na sua falsidade, falso na sua sinceridade” (Seabra, 1988, p. 71).

Já estão mais do que consagrados pela crítica os termos desse jogo, em que a heteronímia comparece de maneira significativa, embora com mais força na figura de Álvaro de Campos. Por ser terra já bastante pisada, me abstenho de comentário mais demorado, colocando em causa aqui, não a ideia de sinceridade e fingimento, mas os termos dessa dualidade, que tem quase sempre excluído ou diminuído a importância da interlocutora para que o jogo engendrado pelo poeta pudesse se concretizar. Que pessoa usava o espaço de seu diálogo amoroso com Ofélia para ensaiar o fingimento de sua obra, já todos sabemos; o que talvez nos resta fazer é

ênfatisar a disposição da jovem namorada em participar desse jogo, criado por um, mas jogado por dois.

Na primeira carta que escreve a Ofélia, respondendo às cobranças que esta lhe faz a respeito de suas intenções para com o relacionamento, Fernando Pessoa ironicamente anota: “Quem ama verdadeiramente não escreve cartas que parecem requerimento de advogado” (Pessoa, 2012 p.19). Esta afirmação inverte a acusação que a namorada havia feito, ou seja, de que os “seus transportes de amor sejam de pouca duração” (Queiroz, 2012, p.18). Esta primeira carta inaugura um padrão que será repetido em muitos momentos ao longo da correspondência: toda vez que é cobrado a dar respostas mais contundentes sobre o futuro do relacionamento, o poeta acusa sua interlocutora de falta de amor e franqueza.

Para além dessa faceta do relacionamento, que podemos notar facilmente com a leitura das missivas posteriores, tal assertiva de Pessoa chama a atenção para a própria concepção da carta, em especial da carta de amor, enquanto um gênero que deve obedecer a certos ditames. No livro *Escritas epistolares: variedade das formas*, Haroche-Bouzinac (2016, p. 37) afirma que apesar de ser um gênero maleável, a carta obedece a uma série de padrões. E no caso das cartas de amor, o padrão seria justamente a desordem, que se configura como “um clichê ligado à expressão da paixão” e “nesse caso, pode inclusive, tornar-se um critério”.

Talvez por isso um aspecto sempre me pareceu curioso: os namorados, mesmo quando estão bravos um com o outro, preservam algumas formas de tratamento, aquelas mesmas que em vários momentos foram consideradas de mal gosto ou índice de infantilização por gerações de leitores do conjunto epistolar. Isso se dá, justamente, porque estas formas de tratamento são parte essencial daquilo que Seabra chama de “significante da paixão”, perseguido na carta tanto por Pessoa quanto por Ofélia, que é chamada pelo amado constantemente de “Ofelinha”, termo que inaugura a série de diminutivos utilizados pelo casal.

Nesse sentido, a missiva em que aparece a cobrança – e que provoca resposta dura de Pessoa – também é iniciada com o nome do interlocutor e outros termos no diminutivo, que se espalha pelo documento todo: “meu adorado Fernandinho”, “amorzinho”, “bebê”, “nininho”, “amiguinha” etc, como se ditas assim as exigências de tomada de posição fossem amenizadas e ganhassem significado, não de demanda fria, mas de urgência de um coração apaixonado. Podemos notar, portanto, que Ofélia maneja muito bem os princípios norteadores do texto epistolar e quando o poeta a acusa de estar escrevendo uma demanda jurídica, o faz também como estratégia de se livrar de tema que lhes é desconcertante.

Ainda sobre os diminutivos e correlatos, podemos destacar sua importância capital para a constituição dos episódios eróticos que, em Ofélia ganha sempre maior ousadia. Em carta de março de 1920, ela escreve

São 10¼, já tenho imensa saudades do meu amor, tomara já amanhã para o ver e para... não digo o resto porque o meu Fernandinho adivinha. O meu amor estará pensando também no seu Bebê, como ele está pensando no seu *Nininho*? [...] É tão triste estarmos separados de noite, não é Fernandinho? Devíamos estar também juntos de noite como estamos de dia, não devíamos? E darmos também muitos beijinhos (QUEIROZ, 2012, p. 20 grifos da organizadora).

A jovem namorada demonstra um desembaraço invulgar do que diz respeito à construção erótica na epistolografia trocada com o poeta. Esse erotismo, banhado por uma falsa infantilização, é ao mesmo tempo confissão do desejo e estratégia de convencimento. No trecho em análise, chama o interlocutor a concordar com ela, buscando provocar nele o desejo que sente naquele momento. A estratégia erótica seria, nesse sentido, um meio de convencer o outro da necessidade de casamento, visto que só assim poderiam estar juntos à noite, como estão de dia.

Diante das contingências impostas pelo relacionamento, resta a Ofélia fantasiar situações em que possam estar a sós. Em muitos desses episódios, ela deixa elementos cifrados de latente erotismo: “Agradeço o teu quarteirão de milhares [de] beijos e envio-te um cento de milhares deles muito, muito doces (ainda mais que os bombons). Já tenho saudades de ir dar um passeio à ‘Índia’” (Queiroz, 2012, p. 56). Sobre a importância das referências ao país asiático, a organizadora da coletânea informa em nota de rodapé que uma amiga de Ofélia, recém-casada, havia acabado de mudar-se para a Índia. Dessa forma, o país teria ganhado uma conotação maliciosa, significando um estreitamento entre os corpos. Richard Zenith (2023 p. 646), em “*Pessoa – uma biografia*” afirma que o conteúdo erótico dessas referências estaria no fato de que o poeta tinha acabado de ler o Kama-Sutra. Dessa forma, longe de serem afirmações excludentes, elas parecem se complementar no sentido de dar ao leitor as explicações necessárias para o entendimento da expressão que aparecerá em diversas missivas. Seja pelo casamento da amiga, seja pela leitura do texto clássico, ou ainda pelos dois motivos, a Índia permeia o imaginário libidinoso do casal.

Ainda em março do mesmo ano, em carta que inicia com o seguinte vocativo, “Meu querido Nininho/ (*Actualmente muito mau*)/ (e não o Bebê)” (Queiroz, 2012, p.41 grifos da organizadora), Ofélia se dirige a Pessoa para explicar-lhe o que a levou a pensar que ele tinha outra mulher. A explicação é longa e não é objeto de análise aqui, mas como a carta traz assunto desagradável, a autora parece querer terminar de modo menos aborrecido e, então, retoma uma espécie de padrão da carta de amor, deixando que o assunto sério seja contaminado pela linguagem piegas, mas não sem usar novamente um referente comum ao casal para dar ensejo ao erotismo.

Adeus querido amor, nunca te esqueças da tua Ofélia
não? Pensa sempre e muito nela sim?
Tem saudades dos pombinhos, Tens?
Adeus ama-te muito e é só tua e sempre
Ofélia Queiroz (Pessoa)
(QUEIROZ, 2012, p. 44)

Dessa forma, a carta ganha um matiz curioso, pois trata de assunto sério, ao mesmo tempo em que é entremeada pela linguagem piegas da paixão. Os pombinhos de que a namorada trata aqui – e que serão referidos em outros momentos – são, segundo Manuela Silva – os seios da namorada, o que desfaz a “ideia comum de que estaríamos perante um namoro platónico, sem réstia de erotismo” (Silva, 2012, p. 07). E esse aspecto da linguagem empregada nas cartas não foge à reflexão de Ofélia que, em 06 de abril de 1920, escreve o seguinte: “Tu és muito piegas, mas depois com meus miminhos vais ficar um verdadeiro pieguinhas, mas eu gosto muito das tuas pieguices”. (Queiroz, 2012, P.80) Tal afirmação vem em resposta a uma carta de Fernando Pessoa, enviada no dia 05 de abril, em que ele se derrama:

Quando nos poderemos nós encontrar a sós em qualquer parte, meu amor? Sinto a boca estranha, sabes, por não ter beijinhos há tanto tempo... Meu Bebé para sentar no colo! Meu Bebé para dar dentadas! Meu Bebé para... (e depois o Bebé é mau e bate-me...) “Corpinho de tentação” te chamei eu; e assim continuas sendo, mas longe de mim.

Bebé, vem cá; vem para o pé do Nininho; vem para os braços do Nininho; põe a tua boquinha contra a boca do Nininho... Vem, estou tão só, *tão só de beijinhos* (Pessoa, 2012, p. 78).

Ao ler os trechos transcritos acima notamos claramente a construção de uma estética da paixão, com índices de erotismo e linguagem falsamente infantil. Isto tem sido notado com justiça no que diz respeito a Fernando Pessoa, no entanto, o mesmo não acontece quando se fala de Ofélia, a quem se tem consagrado a ideia de alguém incapaz e pueril.

Conclusão

Para encerrar, tratemos ainda de uma última matéria: a recepção de Ofélia quanto ao aparecimento dos heterônimos na correspondência. O primeiro deles é um de pouca importância para a obra poética do escritor, mas é presença constante na troca epistolar. Trata-se do A.A Crosse, cuja primeira aparição se dá em 11 de março de 1920. Diferentemente dos irmãos I.I Crosse e Thomas Crosse, que

eram tradutores, esse que aparece na correspondência com Ofélia concorria em concursos de charadas, nos quais o poeta lograva ganhar algum dinheiro. Ele chega mesmo a solicitar que a namorada “nas suas promessas” (Pessoa, 2012 p.50) peça pelo jogador e insinua que o destino dos dois depende de sua sorte, pois estavam em jogo a quantia de mil libras: “Não calculas a importância que para nós ambos teria se isso acontecesse”. (Pessoa, 2012, p.50)

Ofélia se refere com bastante frequência a esse “amigo de Pessoa” e chega mesmo a enviar um bilhete diretamente a ele. Além disso, há momentos em que o parabeniza por algum ganho e, em outros, faz algumas recomendações: “deixa estar que eu pedirei pelo Senhor Crosse [...]. Mas olha meu amor já não foi o concurso? [...] Parabéns Senhor Crosse, parabéns, vejo que está com alguma sorte e oxalá tivesse a que desejamos” (Queiroz, 2012, p. 51)

Para com Álvaro de Campos, os humores de Ofélia nem sempre são os melhores, mas isso claramente fazia parte do jogo, visto ser este um sujeito esquisito e um tanto atrevido, que com alguma frequência tomava a palavra, ora para a elogiar, ora para a fazer algum desagrado. Em 27 de abril de 1920, lemos o seguinte: “Meu Bebezinho lindo:/ Não imaginas a graça que te achei hoje à janela da casa de tua irmã! Ainda bem que estavas alegre e que mostraste prazer em me ver (Álvaro de Campos)”(Pessoa, 2012, p.95). Na carta seguinte, Ofélia se mostra triste e pede que o namorado não a escreva com o Álvaro de Campos ao lado. O mesmo pedido se segue três dias depois, agora já no tom habitual: “Escreve também muito a teu bebezinho, chim? E escreve sempre cartinhas muito amiguinhas! sem o tal senhor Álvaro de Campos, sim amor meu?” (Queiroz, 2012, p. 104) As solicitações a esse respeito eram, contudo, sempre ignoradas e, em carta seguinte, lá está ele novamente: “Ainda fazes muita troça do Nininho? (A. de C) (Pessoa, 2012, p. 105).

Muitos anos depois, já na segunda fase do relacionamento, o problema Álvaro de Campos ainda perdura. Numa ocasião, Ofélia está desapontada por ter se desencontrado de Pessoa, mas como imagina que a resposta deste a seu relato sobre o descontentamento virá acompanhada de algum chiste do engenheiro, ela, então, tenta se antecipar:

Mas olhe que eu estou deveras zangada, apanhei chuva, cheguei tarde e vim sozinha que foi ainda o pior de tudo. Eu bem sei que o Sr. Eng. vai dizer-me que se adivinhasse que o pior de tudo era vir sozinha, teria mandado um moço de esquina para me acompanhar, mas o meu sozinha é não vir com o meu Fernandinho (Queiroz, 2012, P. 236).

A presença de Campos torna-se tão frequente que ele é alçado à condição de interlocutor, mesmo quando não foi inserido pelo poeta no diálogo. O fato é que o heterônimo marca forte presença nas cartas e se Ofélia o repele, o faz como alguém que conhece sua função na correspondência com o namorado. Nesse sentido, são

bastante conhecidas a carta de 25 de setembro de 1929 em que Campos escreve diretamente a Ofélia, bem como sua resposta logo no dia seguinte. Se resta, até aqui, alguma dúvida de que ela tinha total consciência do jogo estabelecido com a heteronímia, estes dois documentos me parecem ser prova mais que suficiente. Vejamos trechos do documento assinado por Campos:

Exma. Senhora D. Ofélia Queiroz:

Um abjeto e miserável indivíduo Fernando Pessoa, meu particular e querido amigo, encarregou-me de comunicar a V. Ex.a – considerando que o estado mental dele o impede de comunicar qualquer coisa, mesmo a uma ervilha seca (exemplo da obediência e da disciplina) – que V. Exa. Está proibida de:

- 1) Pesar menos grammas,
- 2) Comer pouco,
- 3) Não dormir nada,
- 4) Ter febre
- 5) Pensar no indivíduo em questão. (Pessoa, 2012, p. 222)

No dia seguinte, a resposta de Ofélia vem no mesmo tom:

Ex.mo Senhor

Engenheiro Álvaro de Campos

Permita-me que discorde por completo com a primeira parte da sua carta, porque, nem posso consentir que Va. Exa trate o Ex.mo Sr. Fernando Pessoa, pessoa que muito prezo, por *abjecto e miserável* indivíduo nem compreendo que, sendo seu particular e querido amigo, o possa tratar tão desprimorosamente.

Como vê estamos sempre em completa desarmonia, nem podia deixar de ser, pedindo por especial fineza, que não volte a escrever-me.

[...]

Agradeço o conselho que me dá, mas já que me puxa pela língua, deixe-me dizer-lhe que quem eu de muito boa vontade há muito tempo teria, não deitado na pia, mas debaixo de um comboio, era Va. Exa.

Esperando não o tornar a ler, subscreve-se com respeito a

Ofélia Queiroz (Queiroz, 2012, p. 224)

Esta é uma carta primorosa, pois permite que enxerguemos o modo como Ofélia procura emular o estilo de Álvaro de Campos, respondendo-lhe nos mesmos termos. Portanto, podemos dizer que ela não era alheia à questão da linguagem, seja aderindo e/ou construindo ela mesma uma estética da paixão – o que se dá,

como vimos, por meio dos diminutivos e de referência a certos termos picantes do relacionamento – seja também pela adesão crítica ao jogo da heteronímia que vê invadir o seu diálogo amoroso, não reagindo a ele com nenhuma estranheza, nem mesmo nos passos iniciais da correspondência. Assim, se a dualidade entre sinceridade e fingimento ficaria como uma marca das cartas do poeta, e a isso não podemos fazer nenhuma objeção, os exemplos colhidos das cartas de Ofélia mostram que isso não era uma prática unilateral, pois também ela, como interlocutora atenta, investe no jogo que mistura ficção e realidade.

SILVA, T. M. Ofélia and Pessoa: Two Pretenders. *Itinerários*, Araraquara, n. 57, p. 251-265, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *The objective of this work is to analyze the correspondence exchanged between Ofélia Queiroz and Fernando Pessoa. As we know, these are issues already vastly addressed by critics, who, in general, point out a dissimilar relationship between the experienced poet, who already was a big name in Portuguese Modernism, and the romantic young woman, dreamy and eager to get married. In this sense, Ofélia's image would be crystallized in the idea of a childish girl, accustomed to diminutives, as ridiculous as the loving nicknames created to spice up the epistolary relationship. Eduardo Lourenço (2013), for example, sees in the correspondence between the “young bourgeoisie” and the “emulus of Lautréamont” a dialogue between the poet “with another being who loved him without literature”. Leila Perrone Moisés (2000, p. 177), in another valuable article about this epistolary dialogue, states: “Ofélia died single in 1991 [...]. She always remained faithful, not only to her boyfriend, but to his demands in terms of discretion”. Taking the texts of these two great critics as a starting point, we will seek to read Ofélia letters taking into account her disposition towards love and literary play, which, according to our perspective, makes her as much a protagonist as the writer of Maritime ode.*

■ **KEYWORDS:** *Ofélia Queirós; Fernando Pessoa; Correspondence*

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Rita. Amor & literatura. *Colóquio/Letras*, n. 188, Jan. 2015, p. 106-118

CIPRIANO, Rita. A última paixão de Fernando Pessoa não foi Ofélia, foi uma inglesa loira. *Observador*. Lisboa, 20 Dez. 2017. <https://observador.pt/especiais/a-ultima-paixao-de-fernando-pessoa-nao-foi-ofelia-foi-uma-inglesa-loira/#:~:text=%C3%89%20que%2C%20afinal%2C%20o%20%C3%BAltimo,cabelo%20%E2%80%9Ccalourado%E2%80%9D%20chamada%20Margaret>. (último acesso em 27 Nov. 2023)

BARRETO, José. A última paixão de Fernando Pessoa. **Pessoa Plural**, n.12, p. 597-641.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**: a variedade das formas. Trad. Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LOURENÇO, Eduardo. Amor e literatura. In: **Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz**: Correspondência amorosa completa – 1919-1935. ZENITH, Richard (Org.). Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

MEIRELES, Maurício. Cartas inéditas revelam possível ‘amor secreto’ do poeta Fernando Pessoa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 Dez. 2017. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/12/1944975-cartas-ineditas-revelam-possivel-amor-secreto-de-poeta-fernando-pessoa.shtml> (último acesso em 27 Nov. 2023)

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Sinceridade e ficção nas cartas de amor de Fernando Pessoa. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. GOTLIB, Nádia Batella (Orgs.). **Prezado Senhor, Prezada Senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PESSOA, Fernando. **Cartas de amor de Fernando Pessoa**. MOURÃO-FERREIRA, David (Org.). Lisboa: Edições Ática, sd.

PESSOA, Fernando. **Cartas de amor**. AYALA, Walmir (Org.). 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

QUEIROZ, Ofélia. **Cartas de amor de Ofélia Queiroz a Fernando Pessoa**. NOGUEIRA, Manuela, AZEVEDO, Maria da Conceição (Orgs.). Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

PESSOA, Fernando. QUEIROZ, Ofélia. **Cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz**. SILVA, Manuela Parreira da (Org.). Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

PESSOA, Fernando. QUEIROZ, Ofélia. **Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz**: Correspondência amorosa completa – 1919-1935. ZENITH, Richard (Org.). Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

PRADO, Priscila Finger do. **Dos sentidos da paixão e da esperança no engano**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010

SEABRA, José Augusto. Amor e fingimento (sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa). In: SEABRA, José Augusto. **O heterotexto pessoano**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

ZENITH, Richard. **Pessoa – uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

